

EDUCOMUNICAÇÃO

Edgard C. Melech

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

O estudo da educomunicação possibilita entrar numa área de conhecimento que associa, de diversas maneiras, os campos da educação e da comunicação, configurando novas teorias e práticas a partir de ações que incorporam aspectos não apenas educativos ou sociais mas, principalmente, opções tecnológicas e também políticas de consciência e autocrítica sobre a realidade em que se está inserido. É um corpus bastante rico e atual, constituindo-se numa especialidade que trata, num mesmo processo e a partir de paradigmas próprios, as complexidades pedagógico-midiáticas desenvolvidas dentro e fora da escola.

É importante entender que o termo educomunicação é amplo em suas particularidades e identificações, pois sua construção leva em conta uma dialética alimentada por instigantes conflitos baseados em diferentes experiências, desde vivências significativas de alguns dos seus principais personagens até os novos e atuais contextos propiciados pelas tecnologias e mídias.

Com o propósito de oferecer fundamentação àqueles que objetivam desenvolver melhor esse tema, pretende-se tratar aqui alguns dos aspectos mais importantes da formação histórica e conceitual e identificar as particularidades que definem essa área a partir de uma postura metodológica crítica voltada ao empoderamento de professores e estudantes, enquanto sujeitos ativos do processo educacional.

Os estudos identificados como educucomunicativos materializam desde diferentes condições e entendimentos e sua construção dá-se em diferentes contextos políticos, sociais, econômicos e tecnológicos que compõem tanto a construção histórica da educação quanto da comunicação. Sob variados conceitos e abordagens, observa-se, assim, o desenvolvimento de uma tendência crescente dos debates em torno do uso das mídias e tecnologias de comunicação no universo da escola. Centenas de pesquisadores e estudiosos, entre eles muitos educadores, pedagogos, jornalistas e especialistas de diferentes áreas do conhecimento, interessam-se pela temática e em produzir notável conhecimento sobre o assunto.

Neste sentido, a abordagem deste e-book leva em consideração algumas das principais pedagogias e suas propostas para a compreensão e o entendimento da educomunicação daqueles que já atuam ou pretendem atuar com teorias ou práticas midiáticas no ambiente educacional:

- Pedagogia da imprensa na escola
- Pedagogia da linguagem total
- Pedagogia da literacia midiática
- Pedagogia da alfabetização midiática e informacional (AMI)
- Pedagogia da educomunicação

Estes conceitos apontam para o fato de que os desafios da comunicação, na escola, estão presentes há décadas e fazem parte de um processo histórico em que se confrontam diferentes iniciativas, indicando que o uso das mais variadas tecnologias midiáticas e suas ferramentas possibilita às comunidades escolares e seus sujeitos vislumbrar maior dignidade na representação e no agendamento de seus interesses mais representativos e democráticos, atuando como referência e estímulo a novos e revolucionários projetos neste campo.

1. PEDAGOGIA DA IMPRENSA NA ESCOLA

As tecnologias de comunicação estão sempre presentes na história humana, pois são decorrentes da evolução e das necessidades culturais, físicas e intelectuais. Indivíduos sempre criam mídias no mundo que os rodeia, utilizando para tanto a natureza e quaisquer objetos para memorizar uma narrativa qualquer. Um exemplo desse sistema comunicacional é resumido pelos tabletes de barro utilizados pelos sumérios para a escrita há mais ou menos cinco mil anos. Mais tarde, usa-se também madeira, metal e pedra para escrever. Um chinês chamado Wang Chieh, no ano de 868, publica o livro impresso mais antigo do mundo e são os chineses, também,

pioneiros no jornalismo. No entanto, foi com a invenção dos tipos móveis de chumbo de Johannes Gutenberg e a impressão da Bíblia, em 1439, que a imprensa se transforma em um dos principais produtos da revolução industrial.

Entretanto, apenas na segunda década do século XX é que os sujeitos da escola, professores e alunos, interessam-se pelo acesso e assimilação desta tecnologia, para fins educacionais. Nesse contexto surge o pedagogo francês Célestin Freinet (1896 – 1966) e com ele uma metodologia educacional de produção midiática voltada aos estudantes e professores. Freinet apresenta, a partir de 1926, um conceito que une imprensa e escola, definindo-o como “Pedagogia da imprensa na escola” ou somente L’Imprimerie à l’École (Imprensa na Escola), o que ele considera a nova e radical possibilidade de transformação educacional por meio das tecnologias de comunicação gráficas.

Esse conceito envolve conhecimento, tecnologias de comunicação e idealismo político. É uma proposta destinada a promover a liberdade de expressão e o aprendizado do texto fundado na realidade social dos alunos. Não há preocupação fundamental quanto aos aspectos gramaticais. Ao contrário, o objetivo maior é que o estudante, de alguma forma, represente, interprete no papel a sua realidade e a da comunidade sem, entretanto, que isso constitua obrigação. A construção do texto parte da necessidade do aluno em dizer algo, contar uma história, fazer um relato etc., desde que apresente aos colegas e ao professor algo interessante e que, de alguma forma, reflète a vida em grupo. Entre os principais objetivos freinetianos estão o princípio da confiança de que as crianças podem utilizar a imprensa na escola como ferramentas de livre expressão e que esta metodologia provoca o amadurecimento do aluno junto à escola, colegas e professores com uma variada gama de diferentes atividades.

O projeto desenvolvido por Freinet tem, como um de seus principais objetivos, estudar e compartilhar entre professores e estudantes os conhecimentos tecnológicos vinculados à esfera das tecnologias de comunicação disponíveis na época, entre as quais, a imprensa, o cinema e o rádio. Os primeiros resultados das iniciativas motivaram muitas escolas francesas a incorporar,

nas atividades cotidianas, inicialmente, o uso das tecnologias gráficas no desenvolvimento das várias disciplinas, motivando alunos a produzirem jornais, boletins, revistas e livros e alterando, sobremaneira, o modo como a pedagogia pode ser utilizada em favor da criatividade, da liberdade de expressão e da problematização do conhecimento.

Figura 1- Alunos de Freinet produziam jornais a partir de tipos móveis em chumbo



Fonte: www.icem-freinet.fr

A essência do projeto freinetiano, deste modo, incorpora uma proposta de formação individual ampla, assente em uma aprendizagem sustentada na realidade vivida e sua complexa teia social. O chamado Movimento Freinet deflagra um processo de compartilhamento tecnológico ao levar para a escola e seus sujeitos um know-how que, à época, restringe-se apenas às grandes

indústrias gráficas e também aos grandes jornais diários. É um movimento cuja proposta tem por finalidade revolucionar o ensino por meio das técnicas midiáticas.

Figura 2 - Freinet e sua turma de estudantes no início do século XX



Fonte: www.icem-freinet.fr

Entre as ações mais ousadas do movimento destacam-se a revista *La Gerbe* (O Ramalhete) e o jornal *L'imprimerie a l'école*, destinados a atender diferentes públicos. Enquanto a revista objetiva constituir-se um espaço em que estudantes publicam textos produzidos no exercício da leitura crítica da realidade em que estão inseridos, o jornal propõe divulgar e compartilhar, entre professores e escolas, as técnicas e os novos métodos de educação popular baseados na autonomia e na livre expressão.

Figura 3 -Revista La Gerbe e Jornal L'Imprimerie a L'École



Fonte: www.icem-freinet.fr

O aprendizado do conhecimento e das técnicas gráficas e editoriais é parte integrante do processo pedagógico. Estudantes e professores de muitas escolas francesas envolvem-se, diretamente, com o projeto Imprensa na Escola que, de maneira inovadora, é o embrião para o que mais tarde é definido como educomunicação. É uma fase de descobertas e provocações quanto ao quê e como fazer para utilizar a mídia no ambiente educacional. Há necessidade quanto às adaptações fundamentais para levar até as salas de aula os conhecimentos gráficos, uso de papel, tintas, caracteres em chumbo, impressão etc., no sentido de usar a tecnologia no contexto educacional.

Neste sentido, Célestin Freinet é um educador preocupado com as condições sociais da época e os efeitos sobre todos os indivíduos vitimados pelas duas Guerras Mundiais, na primeira

metade do século passado. Em sua empreitada também recebe importante apoio da esposa, Elise Freinet, além de amigos e colaboradores. O movimento pedagógico cresce e, em alguns anos, mais de uma centena de escolas francesas se unem na produção de diversas atividades que envolvem a impressão de jornais e revistas, produção de filmes e programas de rádio.

Ocorre que nesse mesmo período novos dispositivos são incorporados ao contexto midiático-educacional, principalmente com a percepção de que práticas de mídias visuais e sonoras podem somar-se às de imprensa. A partir daí há uma grande complexidade quanto ao entendimento das condições vivenciadas pela escola e, neste sentido, uma concepção correspondente é estabelecer analogias quanto aos deslumbramentos que as novas tecnologias provocam em indivíduos de diferentes tempos e territorialidades.

Assim, entende-se que há um marco divisório evolutivo na educomunicação freinetiana, quando se identifica que ela ultrapassa a tecnologia impressa, sem abandoná-la, para adotar também as mídias audiovisuais nas práticas jornalísticas escolares. Esse momento é interpretado no instante em que Freinet, atento e sensível ao mundo, percebe que além dos dispositivos de imprensa outras tecnologias se popularizam, tais como o rádio, o cinema, a fotografia o telefone, o toca-discos, o retro-projetor, e que também podem ser úteis ao universo da escola.

Uma das principais instituições propagadoras da pedagogia Freinet, na atualidade, é o Institut Coopératif de l'École Moderne – Pédagogie Freinet ICEM – (Instituto Cooperativa da Escola Moderna – Pedagogia Freinet). É uma entidade criada em 1947 por Célestin Freinet, colaboradores, amigos e pioneiros do movimento, atualmente vinculada aos ministérios franceses da Educação e Juventude e da Vida Comunitária. Alguns de seus principais objetivos incluem investigação e inovação educativa, difusão da pedagogia freinetiana, organização de cursos, desenvolvimento e teste de materiais educativos para a sala de aula, documentários para crianças, jovens e professores, além de publicações educacionais.

2. PEDAGOGIA DA LINGUAGEM TOTAL

Neste capítulo mostra-se que o uso de mídias na educação evolui impulsionado por uma série de eventos políticos e tecnológicos geradores de diferentes concepções sobre as práticas educacionais. Desde a Pedagogia da imprensa na escola, estudada no tópico anterior, múltiplas tecnologias são inseridas nas práticas escolares, na medida em que dispositivos midiáticos tornam-se um pouco mais acessíveis ao público em geral e também às instituições de ensino.

Figura 4: Alguns dos principais dispositivos midiáticos no túnel do tempo

| MÍDIA | ANO |
|-------------------------|------|
| IMPrensa | 1439 |
| FOTOGRAFIA | 1826 |
| FONÓGRAFO (TOCA-DISCOS) | 1857 |
| CINEMA | 1895 |
| RÁDIO AM | 1920 |
| TELEVISÃO | 1926 |
| PROJETOR DE SLIDES | 1930 |
| GRAVADOR EM FITA | 1935 |
| VIDEOTEIPE | 1951 |
| TELEVISÃO NO BRASIL | 1950 |
| INTERNET NO BRASIL | 1988 |

Fonte: Edgard C. Melech



Figura 5 - Capa do livro *Linguagem total – uma pedagogia dos meios de comunicação* (foto do autor a partir da capa original).

Alguns desses dispositivos existem há mais tempo do que a maioria imagina, mas de maneira geral, o uso dessas tecnologias no ambiente escolar ainda está bastante defasado, considerando-se a época em que a maioria dos instrumentos tradicionais de comunicação foi inventada. Entretanto, apesar da escola manter-se razoavelmente distante dos dispositivos midiáticos, ainda assim há espaço para um movimento reunindo pedagogos e especialistas no primeiro congresso do Centro Internacional de Filme para a Juventude, realizado em Oslo (Noruega) no ano de 1963. Na mesma época o francês Antoine Vallet publicou a obra *Do cine-clube à linguagem total* (1968), que mais tarde é reinterpretada pelo espanhol Francisco Gutierrez no livro *Linguagem total – uma pedagogia dos meios de comunicação* (1978).

Até o século passado, os processos tecnológicos não se constituíam ferramentas imediatamente disponíveis ao grande público, o que os tornava instrumentos de poder nas mãos de poucos indivíduos. Mesmo assim, eles conquistam, no mundo da escola, um espaço fundamental para o desenvolvimento pedagógico. Neste sentido, o conceito de linguagem total redimensiona o campo da comunicação e educação para um novo contexto, notadamente com o surgimento do cinema, do rádio e da televisão. A ideia parte do princípio de que esses meios modernos de comunicação de massa alcançam um significado capaz de gerar uma linguagem total mediante a disposição de três séries de signos como meios de expressão: as palavras, as imagens e os sons.

Trata-se do entendimento de que a sociedade integra-se por intermédio das mídias enquanto processos, que, com esse conceito, são hipoteticamente transformados numa só linguagem comunicacional. Os laços que unem a linguagem das palavras, imagens e sons tornam-se tão estreitos, segundo Gutierrez, que é difícil compreender cada uma como línguas diferentes e opostas, São como uma única língua, a língua total, formada de quatro estágios principais:

- Percepção/Denotação
- Intuição/Conotação
- Raciocínio/Crítica
- Sentido/Criação.

Francisco Gutierrez (1978) acredita que a valorização da linguagem de símbolos acelera o ritmo de reconhecimento e proporciona ao educando os instrumentos adequados na defesa contra o que ele interpreta por massificação e domesticação midiáticas. Segundo ele, é fundado no domínio da semiótica e da criatividade que o indivíduo tem condições de deixar de ser um mero objeto, à mercê de forças externas, assumindo, enquanto sujeito, as probabilidades de dominá-las.

Entende-se, porém, que o processo de domínio da semiótica e da criatividade depende muito da atitude dos professores e também da escola. Neste sentido, Gutierrez considera que a missão dos educadores é encontrar, numa pedagogia fundamentada nos meios de comunicação, as possibilidades que permitem ao indivíduo maior expressividade. Em sua interpretação, obrigar um estudante a expressar-se unicamente por meio da linguagem verbal é enclausurá-lo em um estereótipo insuportável enquanto, de outro lado, os processos expressivos dos meios ampliam consideravelmente as vias de expressão do educando (1978).

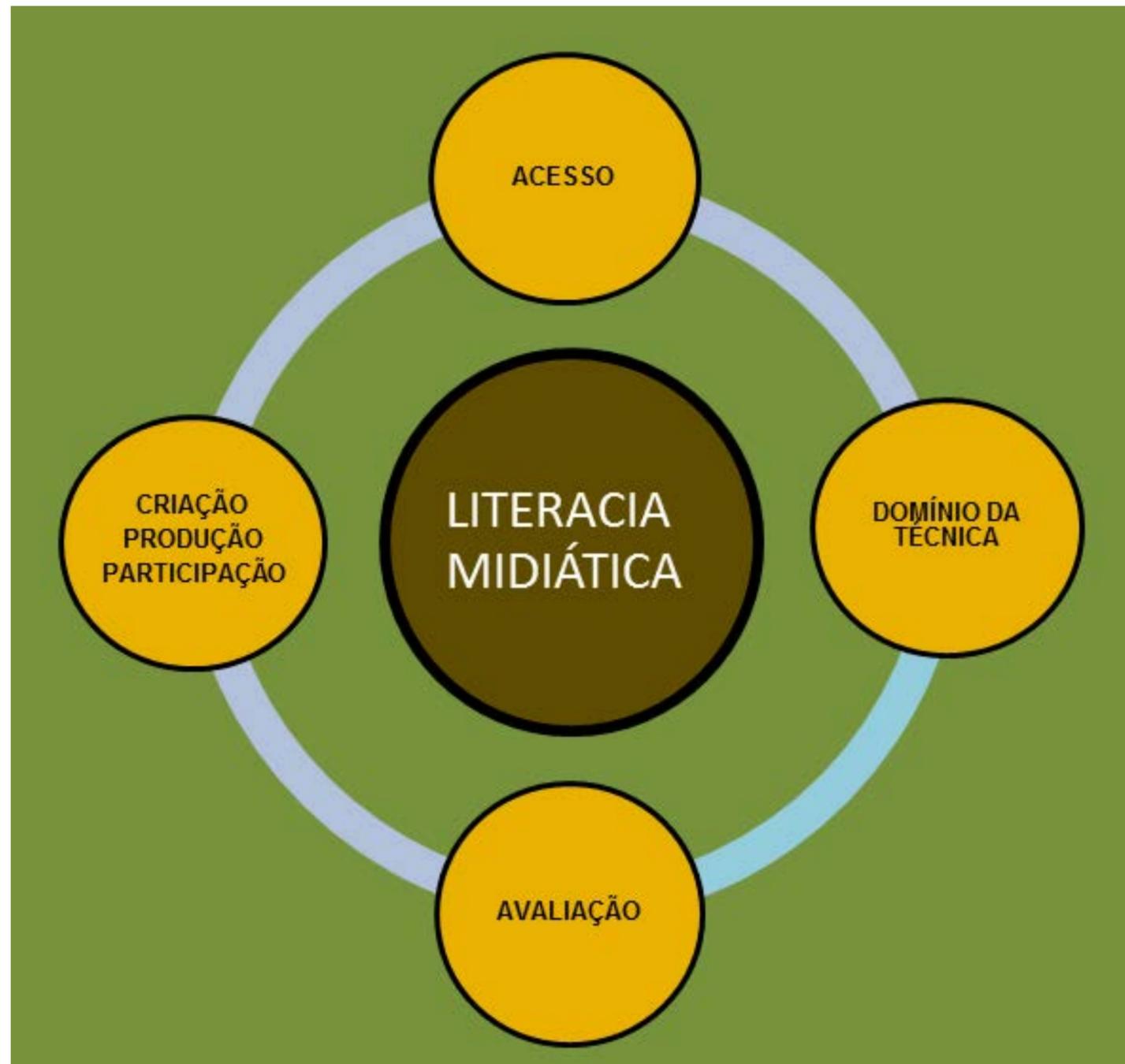
As teorias de Gutierrez alcançam, desta forma, grande impacto num determinado contexto em que vários meios se destacam culturalmente, principalmente a televisão, e impõem às sociedades modos verticalizados e homogêneos de olhar o mundo. Do ponto de vista do uso de mídias no contexto da escola, convém ressaltar que esse conceito pedagógico se agrega aos momentos mais incisivos da história da pedagogia da educomunicação, estimulando, principalmente os educadores latino-americanos, a rever e discutir metodologias apropriadas para trabalhar nesse campo específico.

3. PEDAGOGIA DA LITERACIA MIDIÁTICA

Entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970 desenvolve-se um movimento educacional autodefinido como Literacia Midiática (Media Literacy) ou Alfabetização para a Mídia, que impulsiona a criação de diversas instituições, no campo da comunicação e educação, em vários países. Um dos marcos mundiais na configuração desse conceito é a Declaração de Grünwald, aprovada por comunicadores, educadores e investigadores, oriundos de dezenove países, em simpósio internacional realizado na cidade de Grünwald, na Alemanha, no ano de 1982.

Entre as definições mais reconhecidas para o significado de Literacia Midiática está a capacidade de compreender e avaliar, de modo crítico, os diferentes aspectos dos média e de seus conteúdos, bem como o exercício da liberdade e da cidadania nos processos de criação e produção de comunicação em diferentes contextos. Incluem-se neste processo o estudo, ensino e aprendizagem dos modernos meios de comunicação e expressão, considerados como parte de um campo específico e autônomo de conhecimentos, na teoria e na prática pedagógicas, o que é diferente de sua utilização como auxiliar para o ensino e a aprendizagem, em outros setores do conhecimento, tais como a matemática, a ciência e a geografia.

Figura 6 - Fluxo de consciência crítica a partir da Literacia Midiática



Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir de Pereira,S; Pinto,M; Moura,P.(2014).

A evolução do conceito motiva a criação de grande número de entidades especializadas neste campo, entre as quais se destacam o Centro de Contato entre Educação e Mídia – CLEMI

(França) e o British Film Institute – BFI (Inglaterra). No Canadá (1986) a Associação para a Literacia Midiática e Ministério da Educação da Província de Ontário publicam livro-texto intitulado Guia de apoio à alfabetização midiática, distribuído a professores e traduzido em francês, espanhol, italiano e japonês.

No cenário atual repercute a organização não-governamental norte-americana National Association for Media Literacy Education - NAMLE (Associação Nacional de Educação em Alfabetização de Mídia) que oferece as próprias definições quanto ao papel da literacia midiática e algumas de suas interpretações, em que destaca cinco itens fundamentais:

- Mídia refere-se a todo agrupamento de meios eletrônicos, digitais ou impressos usados para transmitir mensagens;
- A alfabetização é a capacidade de codificar e decodificar símbolos e para sintetizar e analisar mensagens;
- Literacia midiática é a capacidade de codificar e decodificar os símbolos transmitidos pelos meios de comunicação e a capacidade de sintetizar, analisar e produzir mensagens mediadas;
- Educação para a mídia é o estudo dos meios de comunicação, bem como, experiências e meios de produção
- Alfabetização de mídia é o campo educacional dedicado a ensinar as habilidades associadas à literacia mediática.

Uma proposta resumida de literacia midiática é a sua condição de oferecer aos sujeitos da escola a capacidade de acessar, analisar, avaliar e comunicar informações em uma variedade de formas, sendo interdisciplinar por natureza e representando uma resposta necessária, inevitável e realista. Essa proposta, entretanto, não se constitui revolucionária. Adapta-se às condições sociais, econômicas e políticas das sociedades capitalistas. A sua filosofia, neste sentido, considera que para se tornar um bom aluno, cidadão responsável, trabalhador produtivo ou consumidor competente e consciente, o indivíduo necessita desenvolver competências com as mídias de

informação e entretenimento cada vez mais sofisticadas e que consideram todos em um nível global, afetando a maneira como se pensa, sente comporta.

As atuais tecnologias de informação e entretenimento transmitem uma poderosa combinação de palavras, imagens e sons. Como tal, é necessário desenvolver um conjunto mais amplo de competências de alfabetização midiática que ajudem a compreender esse processo. Desta forma, as mensagens recebidas são eficazes na constituição de ferramentas que auxiliem a criar e distribuir as próprias mensagens. Ser alfabetizado em mídia requer, assim, habilidades de pensamento crítico que capacitam para a tomada de decisões, seja na sala de aula, sala de estar, local de trabalho, sala de reuniões ou a cabine de votação.

O conceito, entretanto, não encontra unanimidade quanto aos sentidos que o alimentam, estando estes divididos no entendimento quanto a uma visão crítica sobre o impacto da mídia e da tecnologia. Neste aspecto, a NAMLE alega não defender um movimento contrário à mídia tradicional, mas afirma representar uma coalizão de indivíduos e organismos que procuram uma forma mais esclarecida para entender as complexidades do amplo ambiente de mídia que caracteriza as relações culturais e sociais deste século.

Figura 7 - Site da NAMLE no Facebook:



Para especialistas como Douglas Kellner e Jeff Share (2008), a Literacia Midiática é uma resposta educacional que amplia a noção de alfabetização, incluindo distintas formas de comunicação de massa, cultura popular e novas tecnologias, aprofundando também o potencial da alfabetização para analisar criticamente relações entre a mídia e as audiências, entre informação e poder. Nesta concepção, a produção de mídia alternativa oferece a estudantes e professores o conhecimento para criar as próprias mensagens, desafiar textos e narrativas lineares de mídia. Esses autores listam pelo menos cinco objetivos básicos dessa pedagogia:

- Reconhecimento da construção da mídia e da comunicação como um processo social, em oposição a aceitar textos como transmissores isolados de informações, neutros ou transparentes;
- Análise textual que explore as linguagens, gêneros, códigos e convenções do texto;
- Uma exploração do papel das audiências na negociação de significados;
- A problematização do processo da representação para revelar e colocar em discussão questões de ideologia, poder e prazer;
- A análise da produção, das instituições e da economia política que motivam e estruturam as indústrias de mídia como negócios corporativos em busca de lucro.

4. PEDAGOGIA DA ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA E INFORMACIONAL

Iniciamos agora uma importante fase caracterizada como Alfabetização Midiática e Informacional – AMI. Esse axioma surge a partir da Declaração de Grünwald (1982), da Declaração de Alexandria (2005) e da Agenda de Paris (2007) quanto à sugestão de um currículo de alfabetização midiática e informacional. Trata-se, assim, de um movimento nascido das muitas experiências vivenciadas ao longo das últimas décadas, sintetizadas em diferentes vertentes ideológicas, políticas e sociais.

O conceito AMI (em inglês Media and Information Literacy – MIL) considera que a proliferação dos meios de comunicação de massa e das novas tecnologias provoca mudanças decisivas nos processos e comportamento da comunicação humana. Criado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), propõe o empoderamento dos indivíduos com o desenvolvimento de habilidades e atitudes necessárias para entender as novas mídias sem, entretanto, que sejam deixados de lado outras formas de mídia tais como provedores de informação, bibliotecas, arquivos, museus e internet, independentemente da tecnologia utilizada. Em síntese, o conceito AMI inclui as seguintes vertentes:

ALFABETIZAÇÃO MUDIÁTICA

- Compreender o papel e as funções da mídia nas sociedades democráticas.
- Compreender a condição sob a qual a mídia pode exercer suas funções.
- Avaliar criticamente os conteúdos de mídia.
- Engajar-se com a mídia para se expressar e participar democraticamente.
- Revisar habilidades (incluindo habilidades em TIC) necessárias para produzir conteúdos gerados por usuários.

ALFABETIZAÇÃO INFORMACIONAL

- Buscar, avaliar, usar e criar informações de forma efetiva para atingir seus objetivos pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais.
- Interpretar e fazer julgamentos com bases em informações, como usuários de recursos informacionais.
- Desenvolver a habilidade de navegar no ciberespaço e negociar documentos de hipertexto e multimídia.
- Tornar-se produtor de informação nas próprias sociedades e de acordo com suas culturas.

Para a Unesco (2013) é possível um engajamento significativo dos usuários junto às mídias e aos canais de informação midiática e informacional. A instituição reconhece que o empoderamento por meio da AMI se constitui num pré-requisito importante para promover o acesso igualitário à informação e ao conhecimento e os sistemas de mídia e informação livres, independentes e plurais.

Entre os objetivos pedagógicos desse conceito está o empoderamento dos cidadãos na compreensão das funções da mídia e outros provedores de informação, bem como, na avaliação crítica dos conteúdos, possibilitando ao indivíduo maior consciência em relação aos processos comunicacionais.

Figura 8 - Apostila de Alfabetização Midiática e Informacional da Unesco

Desta forma, a alfabetização midiática e informacional reconhece o papel da comunicação e das tecnologias no dia a dia, no sentido de que elas se constituem instrumentos de autonomia e liberdade de expressão. O movimento manifesta um posicionamento caracterizado pela complexidade das terminologias pois, em distintos países e épocas, os conceitos e definições são diferenciados de acordo com as experiências culturais envolvidas. É pertinente observar que as informações, no aspecto geral, são bastante diferenciadas quanto às variadas circunstâncias geopolíticas, econômicas, territoriais, econômicas e culturais. Trata-se, neste sentido, de uma nova realidade em que as pessoas têm um papel decisivo na determinação de suas escolhas e ações, além da capacidade de autodeterminação e desenvolvimento.

5. PEDAGOGIA DA EDUCOMUNICAÇÃO

As transformações operadas pelas inovações tecnológicas de comunicação e mídia afetam as atividades realizadas diariamente nas salas de aula e em todo universo educacional, com efeitos que extrapolam os muros institucionais. Na atualidade, as tendências relacionam-se à múltiplas áreas do conhecimento e trazem desafios potenciais para educadores, comunicadores, pesquisadores e todos os sujeitos envolvidos direta ou indiretamente com as complexidades pedagógicas e políticas da educação. Entre essas áreas está a Pedagogia da Educomunicação, conceito que exige consideráveis esforços para se entender os variados aspectos teóricos e, a partir daí, materializar projetos midiático-pedagógicos que objetivem a conquista de uma educação mais humana, digna e democrática.

Esta pedagogia amadurece alicerçada em experiências realizadas em diferentes territórios, sob variados conceitos e diversas abordagens, provocando o desenvolvimento de uma tendência crescente dos debates e das experiências midiáticas educacionais. Neste ínterim são criados vários termos, definidos também como axiomas ou neologismos técnicos, para tentar resumir estudos e práticas que remetem ao uso da comunicação em ambiente escolar ou educativo. Assim, num rico e complexo mosaico histórico, os estudos do campo denominado educomunicação indicam que ele é construído com o resultado de diferentes condições e entendimentos problematizados no universo da escola e que sua materialização dá-se com base em contextos políticos, sociais, econômicos e tecnológicos que compõem tanto a história da educação como a história da comunicação nas distintas sociedades.

Algumas das principais experiências bem-sucedidas de práticas em comunicação e educação reúnem personagens como o belga Jean Ovide Decroly (1871 – 1932), fundador de uma metodologia alfabetizadora calcada no escolar Correio na Escola; o francês Célestin Freinet (1896 – 1966), líder de um dos mais sucedidos movimentos midiático-pedagógicos da história da educação e outros importantes personagens, como o judeu-polonês Janusz

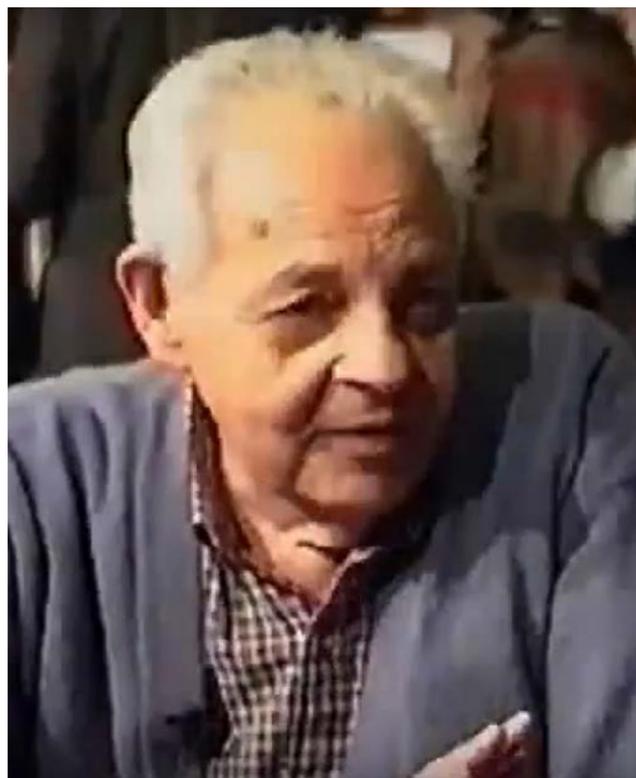


Figura 9 - Mário Kaplún (1923 – 1998)

Korczak (1878– 1942), professor e editor da *Maly Przegląd* (Pequena Revista). Essas e muitas outras experiências ajudam a construir esse campo de estudos, resultando ações calcadas em diferentes propostas pedagógicas.

O termo educomunicador é criado pelo jornalista argentino Mario Kaplún, na segunda metade do século XX, ao referir-se àqueles que mediam processos de comunicação, mas o conceito educomunicação é disseminado em países latino-americanos também por pesquisadores como Paulo Freire, Juan Diaz Bordenave, Jesús Martín-Barbero, Guillermo Orozco, Mariazinha Fusari, José Manoel Morán, Ismar de Oliveira

Soares, entre muitos outros. Sua definição conceitual ocorre desde os anos 90 pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Universidade de São Paulo (USP), que a resume como prática educacional-midiática e propõe novos tipos de aprendizagem, utilizando recursos tecnológicos e novas relações na comunicação, mais democráticas, igualitárias e menos hierarquizadas.

Para Mario Kaplún (1998) a cada tipo de educação corresponde uma determinada concepção e uma determinada prática de comunicação. Observa que assim como existe uma educação bancária, existe uma comunicação bancária. Essa análise questiona o fato de educadores e comunicadores emitirem discursos em que os indivíduos, seja enquanto sujeitos da escola ou como usuários de mídia, exercem passivamente o papel de receptor.

Neste sentido, a Educomunicação propõe um diálogo entre a educação formal e a comunicação, enquanto processo didático-pedagógico e também político. O conceito parte do pressuposto de que projetos educacionais críticos materializam-se em estratégias que

se contrapõem à reprodução e legitimação de poderes de grupos e classes dominantes, sejam controladores ou apoiadores da grande mídia, planejadores políticos e estruturais do modelo educacional vigente, ou ainda, representantes da elite simbólica caracterizados por profissionais especializados de educação e mídia.

Os debates nesta área ganham força nos anos 80, notadamente com implantação de metodologias para formação de professores latino-americanos habilitados para o trabalho em comunicação e educação. Entre as iniciativas de grande repercussão está o 1º Seminário Latino-Americano de Educação para a TV, realizado no Chile (1985). Neste evento são relatadas várias experiências educacionais realizadas em escolas daquele país, entre elas a da Academia de Ciências Pedagógicas de Valparaíso, que forma pedagogos da comunicação; a do Centro Bellarmino, que elabora um currículo para a educação para a televisão; e a do Colégio La Lisonette, que realiza atividades com meninas do pré-escolar ao segundo grau.

Um ano depois realiza-se, no Brasil, o II Seminário Latino-Americano de Educação para a TV, em que especialistas propõem o deslocamento do polo do emissor para o polo do receptor e divulgam a chamada Carta de Curitiba. Neste documento é sintetizado o fundamento teórico que norteia as ações de leitura crítica da mídia no continente, identificando-se três objetivos principais:

- formação de uma consciência crítica;
- desenvolvimento de uma atitude ativa;
- liberação da criatividade grupal.

Constata-se, assim, que desde o final do século passado até hoje os ideais e projetos educacionais materializam-se em várias frentes de trabalho, em escolas, igrejas, organizações não-governamentais, sites, jornais, revistas científicas, associações, governos e empresas preocupadas com a área da comunicação, educação e tecnologias de mídia na escola. A atuação

de diferentes indivíduos e entidades contribui na constituição deste campo de estudos e resulta em sete principais áreas de intervenções educacionais, segundo pesquisa realizada por Rose Mara Pinheiro (2015) na análise de 97 teses e dissertações:

- A “gestão dos processos e recursos da comunicação nos espaços educativos”, traduzida no planejamento, implementação e avaliação dos procedimentos;
- A “expressão comunicativa”, que potencializa o coeficiente comunicativo dos agentes do processo educativo, pelo domínio das diferentes linguagens e da apropriação das manifestações artísticas;
- A “educação para a comunicação” voltada à formação para a prática sistemática da recepção midiática, à luz da contribuição oferecida pelas ciências humanas, como a psicologia, a sociologia, a política e a moral.
- A “mediação tecnológica nos espaços educativos”, voltada à realidade representada pela incidência das tecnologias no cotidiano das relações entre as pessoas e a cultura, favorecendo a acessibilidade e o emprego democrático de seus recursos;
- A comunicação/educação enquanto um importante campo de atuação denominado como a área da reflexão epistemológica que envolve um crescente número de especialistas;
- A pedagogia da comunicação voltada a garantir os benefícios da ação educacional para o cotidiano das práticas de ensino em sala de aula;
- A “produção midiática para a educação”, como meta estabelecida pelos meios de comunicação, especialmente os identificados como culturais e educativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que a Educomunicação ultrapassa o mero sentido conceitual para alcançar um status maior, resultante de processos que ajudam a entender seus fundamentos. Neste sentido, é possível constatar a existência de interconexões que vinculam contextos e experiências midiáticas desenvolvidas no universo da escola. Estas interconexões são amparadas por estruturas político-pedagógicas e no uso das tecnologias e mídias, contribuindo para a existência de vínculos objetivos e subjetivos encontrados nas dinâmicas que se desenvolvem progressivamente nesse campo. São elas:

- Empoderamento e controle do processo produtivo das tecnologias de mídia impressa e audiovisual para conquista de autonomia e liberdade de expressão na escola;
- Domínio do know-how das tecnologias de comunicação na internet para ampliar as estratégias de comunicação nas práticas democráticas e coletivas da escola.
- Idealizações midiático-pedagógicas voltadas ao desenvolvimento de novos projetos amparados em vivências significativas para a contribuição coletiva do conhecimento.

Nesta perspectiva, as considerações feitas neste e nos módulos anteriores indicam alguns dos principais conceitos, termos ou axiomas utilizados para definir a interconexão entre os campos da comunicação e da educação e a complexidade de variáveis decorrentes de fatores culturais e sociais diversos.

Apesar de terem características muito próximas na abordagem dessa temática, esses conceitos constituem parte essencial do campo educacional. Eles se traduzem em um know-how ampliado e qualificado que ajuda nos projetos e ações pedagógicas com práticas midiáticas voltadas a uma escola e uma educação mais justa, humana e democrática com o uso das tecnologias de comunicação para a conquista de um conhecimento mais amplo e crítico.

A educomunicação associa objetivos de autonomia em relação ao conhecimento tecnológico e seus dispositivos como um de seus principais pilares, no entanto, também estabelece relações com várias áreas de trabalho que ultrapassam o simples propósito de domínio midiático-tecnológico. Num sentido político, a educomunicação considera níveis de valorização igualitários tanto para acesso e uso dos dispositivos tecnológicos quanto para as estratégias necessárias para colocar os dispositivos midiáticos a serviço de um olhar sensível, comunitário e social. Inicia-se, deste modo, um processo capaz de associar a necessidade do conhecimento e os fundamentos humanos essenciais para a escola do presente e do futuro.

Constata-se, portanto, que o desenvolvimento desta pedagogia tem a capacidade de gerar diferentes e novas experiências com uma enorme possibilidade quanto aos resultados teóricos ou práticos, seja em nível de realizações e conquistas intelectuais na alfabetização informacional e midiática, na conquista do uso das tecnologias e da mídia enquanto instrumentos de autonomia e liberdade de expressão, ou ainda, pelos impactos políticos que a comunicação e o seu uso crítico podem causar. A esse contexto se inserem problemáticas que afetam diretamente as sociedades e as escolhas para a educação e os critérios das decisões públicas/governamentais que definem estratégias na formulação dos currículos escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUTIERREZ, Francisco. Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação. Summus: São Paulo, 1978.

KAPLÚN, Mario. Una pedagogía de la comunicación. Madrid: La Torre, 1998. Disponível em: http://perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/kaplun-el_comunicador_popular_0.pdf. Acesso em 03/05/2017

KELLNER, D.; SHARE, J. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. Revista Educação e Sociedade vol.29 nº 104 Campinas, out. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302008000300004>. Acesso em 03/05/2017

MELECH, Edgard Cesar. Imprensa na escola à pédoechnologique: contribuições de Célestin Freinet para o campo da educomunicação. Tese (Doutorado em Linguagens da Comunicação). Universidade Tuiuti do Paraná.

Curitiba, PR, 2015.

NAMLE. National Association for Media Literacy Education no endereço <https://namle.net/>. Acesso em 03/05/2017

PEREIRA, S.; PINTO, M.; MOURA, P. Níveis de literacia mediática: estudo exploratório com jovens do 12º ano. Revista do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), Universidade do Minho, 2015. Disponível em: http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2117/. Acesso em 03/05/2017

PINHEIRO, Rose Mara. A Educomunicação nos centros de pesquisa do país - um mapeamento sobre a produção acadêmica com ênfase à ECA/USP na construção do campo. Tese doutorado na ECA/USP, São Paulo, 2013. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/.../RosePinheiro_Corrigida.pdf. Acesso em 03/05/2017

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. Revista Comunicação e Educação. São Paulo, 2000. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/comeduc/article/view/36934/39656>. Acesso em 03/05/2017

UNESCO. Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores. Brasília: UFTM, 2013. Disponível em

<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002204/220418por.pdf>. Acesso em 03/05/2017